Revista Debates Insubmissos

DOSSIÊ GÊNERO, SEXUALIDADE E ARTEFATOS CULTURAIS

Revista Debates Insubmissos

APRESENTAÇÃO
DEBATES INSUBMISSOS NA EDUCAÇÃO
INSUBMISSIBLE DEBATES IN EDUCATION

Anderson Ferrari
Roney Polato de Castro

Inspirados na obra do autor Michel Foucault queremos provocar o leitor e a leitora com esse conjunto de artigos que compõe o primeiro dossiê temático da revista Debates Insubmissos. Um nome provocativo para uma revista, sobretudo neste momento histórico, especialmente confuso, que estamos atravessando, enfrentando e lutando. O que o filósofo francês nos incita a pensar está sendo renovado nos artigos deste dossiê, ou seja, olhar com mais atenção para o presente a partir das relações entre saber e poder no sentido de potencializar as transgressões e ultrapassar o limite social. Neste momento atual é cada vez mais necessário saber identificar, construir e explorar as transgressões, assim como ultrapassar os limites a que estamos sujeitados. Tomando os artefatos culturais como suporte para pensar as relações de gênero e sexualidade queremos problematizar como as práticas e os saberes contribuem para a fabricação do que estamos chamando de realidade, de sujeitos, de educação. Um dossiê do campo das relações de gênero, sexualidades e educação que busca ampliar os sentidos de educação para além da sala de aula como espaço formalizado, mas como um processo de constituição dos sujeitos que se dá no encontro com o cinema, com as imagens, com os blogs, com as redes sociais, com as propagandas, enfim, uma maquinaria de construção dos sujeitos atravessada por relações de poder, que movimenta saberes que as enformam e que elas ensinam.

O desafio de pensar o contemporâneo envolve, de muitos modos, tomar como foco os dispositivos que produzem existências no mundo. Na atualidade eles multiplicam-se, tornando os processos de subjetivação algo cada vez mais intenso e micropolítico. Os artefatos culturais funcionam como elementos de redes de significação, por onde circulam e são fabricados os sentidos que damos às experiências de gênero e sexualidade (e tantas outras), indicando-nos como devemos agir e pensar, anunciando modos de ser e estar mais ou menos conformes com

as normas. Além disso, há uma política dos artefatos culturais, que incorporam as lutas que os diferentes sujeitos e grupos culturais estabelecem como centrais para reivindicar outros lugares sociais, colocando-se contra modos de assujeitamento naturalizados, que instituem a normalidade dos sujeitos, de suas práticas e expressões. Portanto, tomar os artefatos como objetos de investigação e movimentar saberes e relações de poder, construindo resistências e anunciando modos insubmissos de vida.

Queremos seguir à risca a definição presente nos dicionários e nos declarar "insubmissos", como aqueles e aquelas que não se submetem, não se sujeitam; insubordinados/as, independentes e rebeldes. Rebeldia produtiva, inventiva e que nos coloca em permanente suspeita a respeito das produções discursivas dos sujeitos detentores de um gênero e de uma sexualidade. Queremos também nos posicionar politicamente como docentes pesquisadores/as que assumem o debate por este ponto de vista, como insubmissão, para dar vida e voz a atores e atrizes sociais também insubmissos/as no sentido de não se sujeitarem a uma heteronormatividade, aos discursos do enquadramento, às formas de vida previstas e controladas. A aposta é por uma pesquisa em educação que coloque em circulação algumas maneiras produtivas para pensar o presente, bem como novas e poderosas ferramentas para problematizar o que é necessário colocar sob suspeita: nossas formas de sujeição, ou seja, o que nos faz ser o que somos. Um dossiê que, "insubmisso", investe nas possibilidades resistentes e inventivas de não ser mais, fazer ou pensar o que somos, fazemos ou pensamos.